

RESENHA

ARTILLERÍA IMANENTE; PENSARÉ (Ed.). *Elogio de la ZAD y otros textos sobre lo comunal*. [S. l.]: Pensaré, 2016. 123 p. (Colección “!Que la comuna vuelve!”)

ZAD de Notre-Dame-des-Landes: uma história de auto-organização, autoeducação, autogestão e de resistência popular

CLÁUDIO RODRIGUES DA SILVA*



Empregando numeroso contingente da *Gendarmerie* e níveis extremos de violências, o Estado francês realizou, no início de abril deste ano, uma operação policial com o objetivo de expulsar ocupantes da ZAD¹. Outras medidas já haviam sido executadas pelo Estado francês, visando promover a desocupação do local. No entanto, como ocorre há aproximadamente meio século, registraram-se resistências populares à intervenção estatal.

O que é a ZAD? Como se organizam os zadistas? Quais seus principais objetivos, táticas, aspectos de sua história, perfis dos seus componentes? Quais seus principais desafios? Como definir esse Movimento? Aspectos dessas e doutras questões são abordados no livro “*Elogio de la ZAD y otros textos sobre lo comunal*”, publicado em 2016 pela Pensaré, ilustrado por Eixa es Isa e dedicado a Rémi Fraisse, militante assassinado em 2014 durante protesto na França.

Na perspectiva oficial estatal, a ZAD, instituída nos anos 1970², significa “*Zone d'Aménagement Différé*”, isto é, zona de desenvolvimento diferida ou

futura. Já na perspectiva de organizações que participam do Movimento de ocupação e de resistência, ZAD foi rebatizada como “*Zone A Défendre*” (Zona A Defender) ou “*Zone d'Autonomie Définitive*” (Zona de Autonomia Definitiva). Essa área está situada em Notre-Dame-des-Landes, região Noroeste da França.

No projeto oficial a ZAD destina uma grande área para a construção de um aeroporto, em consonância com as demandas para constituição de uma metrópole nessa região. Essa construção implica diversos desdobramentos, como, por exemplo, expulsão de populações, destruição da natureza, além de outros impactos, inclusive para o entorno dessa Zona. A ZAD enfrenta, desde o momento de sua concepção, resistências de setores de populações locais, que, ao longo de aproximadamente cinco décadas, não sem dificuldades, lograram diversos êxitos nas tentativas de impedir a execução do projeto, que registra suspensões e retomadas nesse período.

O livro em discussão reúne 17 textos de autorias diversas, publicados entre 2013 e 2016, envolvendo aspectos da ZAD³.

Segundo a Editora, são “*Textos colectivos, Crónica de los hechos, Cronología, Comunicados y reflexión.*”⁴ Apresentam-se, a seguir, os títulos desses textos, de forma a propiciar uma noção panorâmica dos temas tratados no livro:

- “Invitación a leer - ZAD proponiendo un mundo”;
- “Contra un aeropuerto ‘inútil’, una ‘Zona a Defender’”;
- “¿Por qué estamos aquí?”;
- “Fugas menores en una ZAD mayor”;
- “Una brecha abierta en Notre-Dame-des-Landes”;
- “Elogio de la ZAD”;
- “Sobre el desafío de *les zadistes*. (Una entrevista de los medios de masas)”;
- “Ante y sobre los flancos. (Carta un tanto perentoria aunque amigable al Movimiento Zadiste)”;
- “Siembra tu ZAD”;
- “¿De la ZAD a los comunales?”;
- “A modo de glosario”;
- “Cronología”;
- “Intervención de la Adeca”;
- “No nos dejaremos dividir por la represión policial y judicial!”;
- “Presentación de ‘Naturalistas en Lucha’”;
- “La necrópolis de Nantes”;
- “Sobre el asesinato de Rémi Fraisse”.

Partindo de dados apresentados nesses textos, destacam-se, a seguir, alguns pontos considerados mais relevantes, principalmente com vistas a estabelecer relações com algumas características ou desafios postos a coletivos ou a movimentos sociais anticapitalistas ou antissistêmicos contemporâneos.

Assim como a ZAD, há diversos movimentos de resistências, em diferentes países, lutando contra megaprojetos ou outros empreendimentos – aeroportos, agronegócio, complexos turísticos, extrativismo/mineração, ferrovias, hidrovias, portos, represas, rodovias, usinas hidrelétricas e outras formas de geração de energia, dentre outros – concebidos em perspectivas desenvolvimentistas e que visam atender a demandas de acumulação de capital, que, não raramente, determinam, direta ou indiretamente, os investimentos em equipamentos públicos (a rigor, estatais) de uso coletivo. Esses empreendimentos são apresentados como indispensáveis ao necessário e inevitável desenvolvimento, ao progresso ou à modernização; os setores que se opõem a eles são tachados de retrógrados, atrasados, refratários ao progresso, além de outros rótulos.

Algumas das características-chave e comuns aos megaprojetos são diversos impactos negativos, principalmente para as populações que vivem nas áreas afetadas ou no seu entorno imediato: deslocamentos forçados (a rigor, expulsões), destruição da natureza, intensificação dos níveis de exploração da força de trabalho, danos à saúde, assédios e violências psicológicas ou físicas, assassinatos, entre outras diversas ilegalidades ou violações dos Direitos Humanos.

Assim como a ZAD, há vários Movimentos que não se restringem ao plano do denunciamento ou da resistência, mas executam projetos que têm potencial ou se configuram gérmenes de sociabilidades divergentes ou antagônicas à sociabilidade do capital. Alguns desses Movimentos não só inspiram novas iniciativas de resistências, como também recebem

apoios de diversas ordens de variados setores das classes trabalhadoras de diferentes pontos do mundo. No entanto, projetos como o da ZAD não são tolerados indefinidamente pelo capital, inerentemente heterogestionário, portanto, incompatível com a auto-organização, autonomia, autoeducação e a autogestão das classes trabalhadoras. Iniciativas como essa foram (e são) duramente combatidas, seja no plano da força ideológica, seja no plano da força física.

Consideram-se relevantes e oportunas a apresentação e a problematização de aspectos tratados nesse livro, especialmente na atualidade, dadas, como já apontadas, a recente retomada e a intensificação de ações – do Estado ou de setores interessados na execução do megaprojeto do aeroporto – visando expulsar as pessoas que ocupam esse território.

O livro faz um *Elogio a la ZAD*, porém, não à ZAD oficial, mas, sim, à ZAD e aos zadistas rebeldes, pelo histórico de resistência e de experimentação de formas comunais de vida, de um projeto – político, econômico e cultural – que, não sem dificuldades ou contradições, configura-se, como pontuado, um germen de outra sociabilidade, antagônica à lógica do capital.

Trata-se de uma iniciativa importante, pois divulga uma experiência que, além do aprendizado típico da vivência em movimentos sociais – historicamente uma instância de (auto)educação das classes trabalhadoras –, gera um legado teórico-prático que contribui também para outros Movimentos ou setores dessas classes, especialmente no que se refere a táticas ou estratégias adotadas, bem como contradições, limites, desafios, potencialidades e êxitos dessas lutas.

Aliás, como pontuado, as questões envolvidas com a ZAD não são exclusividade e não dizem respeito apenas a esse território, aos zadistas ou a populações de Notre-Dame-des-Landes, já que megaprojetos estão, cada vez mais, presentes em diversas partes do mundo, pois os avanços do sistema do capital afetam inclusive áreas até recentemente incólumes. Isso coloca em tela a necessidade de se conceber e executar táticas de resistências mais amplas, consistentes e articuladas, táticas essas que tendem a demandar união de frações das classes trabalhadoras, um desafio histórico.

Essa união é fundamental, pois uma das principais táticas utilizadas pelo capital para evitá-la é provocar a cisão ou o dissenso entre os trabalhadores. Isso porque o capital recorre, em diferentes países, a diversas formas de persuasão ou dissuasão, seja por intermédio da força física, seja por outros meios, como, por exemplo, permutas, indenizações financeiras, benefícios sociais, construção de equipamentos de uso coletivo, promessas, entre outros. A execução dessas medidas ocorre tanto por meio de iniciativas estatais quanto de privadas.

Considera-se que o livro, que não tem pretensões de ser acadêmico, insere-se numa perspectiva declaradamente militante – aliás, produções pretensiosamente apresentadas como neutras militam, necessariamente, pró ou contra dada posição – de disputas pela difusão de informações por meios próprios e também pelo registro e pela difusão de aspectos da história da ZAD ou dos zadistas. *Elogio de la ZAD*, concebido e executado em perspectiva coletiva e de resistência, contribui, em chave não acadêmica, para registrar e divulgar essa embrionária experiência comunal de auto-organização,

autoeducação, autossuficiência e de autogestão, ou, em palavras de alguns “zadófilos” (p. 38), “[...] una utopía al alcance de la lucha.”, luta essa que prossegue.

Recebido em 2018-04-27

Publicado em 2018-06-20



* **CLÁUDIO RODRIGUES DA SILVA** é doutorando em Educação na Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, Campus de Marília.

¹ Ver página da ZAD (<https://zad.nadir.org/>) e também notícias em vários meios de comunicação.

² Há, conforme as fontes consultadas, informações divergentes sobre a data de gênese desse projeto e a extensão da área. Nesse livro constam como data de início os anos 1970 (p. 97) e a extensão da área “mil doscientas hectáreas” (p. 11).

³ Alguns textos não apresentam data.

⁴

<https://pensarecartoneras.wordpress.com/catalogo/> Acesso em: 24 abr. 2018.